

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

JONAS SANTOS HÜBNER

**ESTRELA SOLITÁRIA FUTEBOL CLUBE: um relato histórico de um time de
futebol de várzea de Porto Alegre/RS**

PORTO ALEGRE

2015

JONAS SANTOS HÜBNER

**ESTRELA SOLITÁRIA FUTEBOL CLUBE: um relato histórico de um time de
futebol de várzea de Porto Alegre/RS**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de
bacharelado em Educação Física da
Escola de Educação Física da UFRGS.

Orientador: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

PORTO ALEGRE

2015

Jonas Santos Hübner

**ESTRELA SOLITÁRIA FUTEBOL CLUBE: um relato histórico de um time de
futebol de várzea de Porto Alegre/RS**

Conceito Final

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. - UFRGS

Orientador – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família, principalmente aos meus pais, que não mediram esforços para me apoiar em toda essa jornada e que estiveram sempre ao meu lado durante o meu crescimento. Obrigado por sempre me guiarem com muita paciência e compreensão, oportunizando descoberta na minha vida. A união da nossa família faz que com eu tenha perseverança e ambição de sempre seguir em frente.

Sou grato a todos os meus amigos que participaram de momentos marcantes de irmandade, descobertas e alegrias. Desde os que fiz durante o colégio e os da faculdade. Guardo comigo cada palavra, abraço, beijo, risadas e “indiaças” que compartilhei com cada um. Sem vocês não teria graça. Espero levar esses sentimentos e a amizade de todos para o resto da vida.

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especialmente aos pertencentes a ESEFID (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança). Estendo meu agradecimento aos servidores administrativos, professores, e também aos trabalhadores que atuam de forma terceirizada no campus.

Por fim, agradeço a minha professora orientadora Janice Zarpellon Mazo pelo acolhimento, orientação e confiança no decorrer deste trabalho.

A erva seca incendiará a erva úmida.

(provérbio africano que os escravos trouxeram para as Américas)

RESUMO

O futebol de várzea apresenta-se à sociedade como prática esportiva onde se desenvolve e manifesta um fenômeno inerente à cultura popular. A popularização do futebol em todo o Brasil permitiu que times de bairros se formassem com o intuito de praticar futebol. Este trabalho tem como objetivo descrever as memórias do time Estrela Solitária Futebol Clube, desde sua fundação em 1990, até o presente momento. Para tanto foi realizada uma pesquisa documental, a revisão bibliográfica e uma entrevista semiestruturada com o fundador do time, César Augusto Garcia. O relato das memórias do Estrela Solitária demonstrou que as relações de amizade e respeito cultivadas e que perduram até o presente momento vão além da prática do futebol, dos campeonatos e do cenário do futebol de várzea porto-alegrense. Assim o esporte é utilizado como meio para fortalecer laços interpessoais (amizade, respeito, união, entre outros) que germinam um sentimento de pertencimento a um grupo.

Palavras-chave: História do Esporte, Futebol de Várzea, Amadorismo.

ABSTRACT

The amateur football presents society as sports practice which develops and expresses a phenomenon inherent in popular culture. The popularization of soccer in Brazil allowed neighborhoods teams were formed in order to play football. This paper aims to describe the team's memories Estrela Solitária Futebol Clube, since its founding in 1990 until now. For this documentary research was conducted, the literature review and a semi-structured interview with the founder of the team, César Augusto Garcia. The rescue of the Estrela Solitária memories demonstrated that the friendly relations and respect cultivated and that last up to now go beyond the practice of football, championships and porto-alegrense amateur football scene. So the sport is used as a means to strengthen interpersonal ties (friendship, respect, union, etc.) that germinate a sense of belonging to a group.

Keywords: Sport History, Amateur Football, Amateur Status.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Troféu de 3º lugar no Campeonato Aberto CEPRIMA (1994)	20
Figura 2 - Amistoso Estrela Solitária F. C. x Funcionários da Petrobras (1996).....	22
Figura 3 – Estrela Solitária F.C. Veteranos (2013).....	24
Figura 4 - Amistoso Estrela Solitária x Circulo Operário (1995). Erro! Indicador não definido.	26
Figura 5 - Campeonato de Três Cachoeiras (1995) . Erro! Indicador não definido.	27
Figura 6 - Amistoso Estrela Solitária Veteranos x Estrela Solitária Kids (2013)	28
Figura 7 - Estrela Solitária F.C. campeão do Campeonato Metropolitano (2014)	29
Figura 8 - Estrela Solitária Kids (2012).....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
3. FUTEBOL DE VÁRZEA NO BRASIL	15
4. ESTRELA SOLITÁRIA FUTEBOL CLUBE: Amizade, respeito e união.	19
5. A PERPETUAÇÃO DO TIME	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE	
APÊNDICE I: Entrevista com o fundador do Estrela Solitária F.C	36
APÊNDICE II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	46

1. INTRODUÇÃO

O futebol apaixona, contagia e desperta as mais variáveis sensações e é considerado por muitos o esporte mais popular do mundo. Para exemplificar esse fenômeno que é o futebol, trago a seguinte sentença do escritor uruguaio Eduardo Galeano: “O futebol é a única religião que não têm ateus”. Esta frase ilustra como o envolvimento com o futebol possibilita ao sujeito ultrapassar as questões físicas e os benefícios à saúde que o esporte proporciona, provocando assim um sentimento excepcional, e muitas vezes inexplicável. A simplicidade inerente no futebol está presente em sua prática. Jogar futebol, ou até mesmo realizar os movimentos característicos, são permitidos com qualquer objeto esférico e tornam a sua fruição espontânea. O futebol consente sua prática sem distinção de gênero, faixa etária e religião.

A ‘paixão nacional’, como é atribuída o futebol no Brasil, o acentua como fenômeno esportivo estando presente no cotidiano das pessoas e não representa apenas um simples jogo entre dois times, onde vence quem fizer mais gols. Esse evento incorpora princípios que constroem o espírito nacional. Exige técnicas e características socioculturais do povo brasileiro, construindo um modelo de sociedade e um exemplo para ela se apresentar (DAOLIO, 2003).

A popularidade do futebol e suas implicações no Brasil remetem-se a sua prática profissional que evidencia os aspectos técnicos, organizacionais e principalmente econômicos no mais alto nível de rendimento e visibilidade. Dessa forma, segundo Damo (2003), torna-se limitada essa análise quando somente o futebol profissional é evidenciado nos trabalhos científicos e nos meios de comunicação social. Para compreendermos o futebol em suas diferentes formas representativas é necessário examinar com minúcia. Partindo do princípio que o futebol está inserido no cotidiano popular como um elemento cultural pertencente a um contexto, a sua representação demonstra-se como sendo o ritual de maior substância da cultura brasileira e que percorre os acontecimentos sociais, os comportamentos e as instituições (GUAZZELI, 2000 *apud* MURAD, 1996).

O caso investigado nesse trabalho não mobiliza milhares de espectadores nem é transmitido na televisão. Representa uma importante forma de lazer de um grupo de pessoas que atribuem significados no comprometimento com dia, hora e local

de sua prática. Essas manifestações serviram de ferramenta para desenvolver esse trabalho, pois estão repletas de particularidades que se utilizam do futebol.

O relato histórico que busquei desenvolver transcorre em um cenário que de acordo com Myskiw (2012), trata-se de um fenômeno da cultura urbana reunida num conjunto de práticas (jogar, treinar, torcer, *apitar*, *bandeirar*, vender, beber, organizar, etc.). O cenário referido é o futebol de várzea. Pouco lembrado pelas mídias sociais, o futebol de várzea ocupa um importante lugar nos campos, parques e praças. Esse futebol espalhado pelo Brasil, também representado na cidade de Porto Alegre, sobretudo nas regiões mais periféricas. A dimensão com que o futebol de várzea se apresenta demonstra como os envolvidos cultuam essa prática em seu tempo livre. Sendo os finais de semana utilizados para praticar esse futebol como principal forma de lazer.

A cidade de Porto Alegre apresenta um grande número de times pertencentes ao futebol de várzea. Segundo Myskiw (2012), no ano de 2011 o cenário da várzea porto-alegrense contava com 22 Ligas, sendo que em cada Liga havia em média 10 times distribuídos por campos e vilas de toda a cidade. Esses dados estão vinculados ao credenciamento dos times para o Campeonato Municipal de Várzea, o que implica dizer que podem existir mais clubes/times na cidade. Além disso, existem outras copas, taças e campeonatos que envolvem times de Porto Alegre e região metropolitana, como: a Taça Metropolitana, Taça do América, Copa Metropolitana (esses dois últimos citados, são disputados em forma de mata-mata), entre outros.

Motivado por ser praticante apaixonado de futebol desde que nasci e também no presente momento fazer parte do time do Estrela Solitária, como jogador, me senti instigado a realizar essa busca a partir de questionamentos que surgiram logo nos primeiros contatos que tive quando ingressei no time no início do ano de 2015 e durante a elaboração do presente estudo. Para isso compreendi que seria necessário realizar a reconstrução da história desse time e como se desenvolveu durante o passar dos anos.

Minha trajetória como jogador do Estrela Solitária se inicia quando recebi o convite de um amigo da faculdade. Jogávamos juntos pela equipe universitária de futebol da UFRGS, e o convite também se estendeu para outro colega nosso. Em um sábado do ano de 2015 (não me recordo bem o mês), realizei o primeiro jogo pelo Estrela Solitária, válido pela Taça Metropolitana. A Taça Metropolitana contava

com vários times de Porto Alegre e da região metropolitana. O jogo seria em Viamão, num campo chamado Canadá. No final do ano anterior que ingressei no time, o Estrela Solitária havia sido campeão de um título inédito em sua história: a Taça Metropolitana. No ano seguinte defendia o título, e os adversários nos enfrentavam com bastante respeito. O ponto de encontro de todos os integrantes do time foi em frente à entrada do SESC (Serviço Social do Comércio), na Avenida Protásio Alves. Foi então que começaram a chegar os jogadores. Alguns de carro, outros de ônibus e a pé, pois moravam perto do ponto de encontro, no bairro Bom Jesus. Após a chegada de todos, com alguns atrasos – que fazia parte do ritual de encontro – nos dividimos entre carros e partimos para o campo onde estava marcado o jogo.

O clima entre todos era muito descontraído, mostrando que todos tinham uma grande intimidade e laços em prol do time. Durante todo o longo caminho até o campo, conversávamos sobre muitos assuntos, onde na maioria era sobre o jogo. Como o time sairia jogando, como o time adversário jogava, quem sairia jogando no time do Estrela, entre outros assuntos que não faziam parte do jogo em si. Logo que chegamos ao campo, aconteceu algo inusitado. Uma queimada na vegetação as margens do campo acabou atrasando em 30 minutos o jogo. Os dois times tiveram que esperar a chegada dos bombeiros para controlar a situação e iniciasse o jogo. Acabamos empatando em 2 a 2 com o time Laçador.

Ao longo desse ritual que se repetia durante todos os sábados, seja para cumprir jogos por algum campeonato ou em amistosos, percebia cada vez mais que as peculiaridades nas atitudes, expressões e significados se repetiam durante todos os momentos que envolviam os jogos. Tanto dentro de campo quanto fora. Essas manifestações me despertaram questionamentos acerca da sua origem e finalidades. A ligação que os jogadores tinham entre si parecia estender-se além do momento de vestir a camisa do Estrela e ‘bater uma bola’.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo descrever as memórias do time Estrela Solitária Futebol Clube, desde sua fundação em 1990, na cidade de Porto Alegre, até o momento presente. Também se preocupou em reconstruir o processo de criação para compreender-se o desenvolvimento histórico e assim como se construiu e mantém as relações duradouras entre os participantes e o time.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se como um estudo histórico-documental utilizando como principal metodologia a historia oral, cuja segundo Alberti (1989) é construída por um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos gravados em torno de um tema. Sendo assim principalmente da memoria e biografia dos participantes, onde eles irão relatar os momentos de acordo com a importância que estes são lembrados.

A pesquisa histórica é uma forma de inventar e reinventar um momento cultural que marcou pessoas e lugares, buscando onde estão guardados as emoções, valores e significados. Para isso, Mazo (2010) coloca que a história permite-nos ir a lugares distantes, dialogar com pessoas que nunca conheceremos atribuindo novos significados e representações. Assim não será uma verdade incondicional, mas sim uma constante reinterpretação dos fatos, onde se aglomeram todas as informações adquiridas para melhor compreender o passado.

A importância da produção deliberada do documento de historia oral segundo Alberti (1989), permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza, assim determinando acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais e impressões particulares. Um modo de interpretar os testemunhos a partir de escrever a história oral é gravar e transcrever os depoimentos. Dessa maneira não será descrito como a história exatamente ocorreu, mas sim uma comparação de diferentes versões dos entrevistados.

Em outros momentos a entrevista era vista na área científica acadêmica somente como um auxílio aos documentos escritos. Apenas mais tarde foi considerada como um modo de compreensão mais ampla do assunto pesquisado e não somente como uma fonte informativa. Corroborando com que Alberti (1989) coloca que o conhecimento sobre os acontecimentos do passado trata de ampliar e aprofundar as experiências e versões particulares, buscando entender a sociedade através do individuo que nela viveu, criando uma relação entre o geral e o particular analisando e comparando as diferentes versões e testemunhos.

No presente estudo as fontes utilizadas foram à realização de uma entrevista semiestruturada. É possível obter-se pela entrevista semiestruturada elementos sobre as experiências do informante, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador; ao mesmo tempo em que permite respostas livres e espontâneas do

informante. As questões elaboradas para a entrevista levaram em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que o pesquisador recolheu sobre o fenômeno social (LIMA, 1999 *apud* TRIVIÑOS, 1987)

A entrevista semiestruturada foi gravada e transcrita, com um dos fundadores do time, Cesar Augusto Garcia; fotos do time ao longo dos anos, cedidas por outro pioneiro, João Carlos Fernandes Reis. Cesar esteve presente ao longo destes vinte e cinco anos de atividade do Estrela Solitária e para esse estudo compartilhou informações e histórias. A entrevista ocorreu no dia 23 de outubro de 2015, na residência do entrevistado, sendo registrada através de aplicativo Gravador de Voz Avançado de aparelho celular *Samsung Gran Dual* com sistema operacional Android 4.3, e teve duração de 50 minutos. Foi assinado o termo livre consentimento (Apêndice II) para que a entrevista fosse parte integrante deste trabalho. Assim competiu ao Cesar Augusto Garcia fazer o reconstruir de alguns materiais históricos acerca do Estrela Solitária para que estes fossem inseridos ao trabalho.

Além desses procedimentos metodológicos, foi também realizada uma pesquisa em trabalhos acadêmicos, livros e artigos que trouxessem informações no sentido de embasar e enriquecer os apontamentos do presente estudo com informações confiáveis, através das plataformas de busca LUME, Google Acadêmico e Sielo. As palavras digitadas na busca foram Futebol, História do Futebol, Futebol de Várzea.

3. O FUTEBOL DE VÁRZEA NO BRASIL

O processo de introdução e difusão do futebol no Brasil apresentou características que atenderam o território nacional daquela época e se distribuiu entre as estruturas do sistema urbano. Todas essas características foram influenciadas pelas conexões com o exterior a partir do dinamismo de cada cidade com a industrialização do Imperialismo Britânico que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica do território brasileiro (DE JESUS, 2009).

Num segundo momento, as metrópoles nacionais emergentes passaram a atuar como difusoras do futebol. Diante disso, torna-se difícil afirmar com exatidão uma única ou principal “porta de entrada” do futebol no Brasil. São Paulo com símbolo de “locomotiva nacional” apresenta-se como o tal berço do futebol no Brasil e a primeira cidade a organizar o futebol e vê-lo disseminado nas ruas (DE JESUS, 2009).

Segundo De Jesus (2009) apud Mazzoni (1968), a primeira partida de futebol foi realizada no Brasil dentro das regras oficiais inglesas de 1863, ocorreu na Várzea do Carmo, entre as equipes inglesas São Paulo Railway e The São Paulo Gaz, em 14 de abril de 1895. O primeiro time de futebol formado essencialmente por brasileiros foi o Mackenzie College, criado em 1889. Outros clubes nacionais foram criados em São Paulo na virada do século, mas não nenhum sobreviveu, o que qualifica o Sport Club Rio Grande (RS), fundado em 1900, como o mais antigo clube brasileiro de futebol em atividade. Já em 1905, o Fluminense Futebol Clube deixou de ser o único clube carioca dedicado regularmente ao futebol. Em Porto Alegre, o Grêmio Foot-ball Portoalegrense e Fussball encontravam-se a cada seis meses para uma partida (DE JESUS, 2009).

A cidade de São Paulo vivia um momento decisivo de explosão de crescimento urbano, quadruplicando sua população na última década do século XIX e um febre de investimentos estrangeiros onde os estabelecimentos e colégios predominantes são ingleses. Assim os ingleses criam seus clubes para poderem praticar seus esportes, e o que estava mais na moda: o futebol. Talvez mais do que em qualquer outra cidade no Brasil, os ingleses estavam semeando o futebol em solo fértil (DE JESUS, 2009).

De Jesus (2009) *apud* Antunes (1992) salienta que os primeiros campos de várzea surgiram em 1902 e que logo se espalharam pelos bairros operários. Entre os anos de 1908/1910 a várzea paulista congrega concorridos campeonatos, de forma que São Paulo não seja apenas a pioneira nacional do futebol ‘oficial’, mas também no ‘futebol popular’. Dessa maneira, surge em 1910, aquele que dentre os grandes clubes do futebol brasileiro, foi o primeiro a se formar a partir de uma base popular – o Sport Clube Corinthians Paulista (De Jesus, 2009 *apud* Negreiros, 1992).

Guazzeli (2000) apresenta registros que discordam de alguns autores. No dia 19 de julho de 1900 foi fundado o Sport Club Rio Grande, na cidade portuária de mesmo nome. Desta forma, ressalta que o futebol mais antigo do país é o do Rio Grande do Sul e desde a sua fundação, fazia exhibições de *foot-ball* em diversas cidades, principalmente na região sul do Estado. Em cada cidade pela qual passava, um novo clube se fundava. Foi assim que o novo esporte ia se espalhando no Estado e chegou à capital para uma demonstração durante os festejos em comemoração ao Dia da Independência de 1903.

Os primeiros clubes de futebol fundados em Porto Alegre foram o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball Porto Alegre, ambos no dia 15 de setembro de 1903 (uma semana depois da passagem da delegação do Rio Grande). O Grêmio, desde o início já exercia certa influência no meio futebolístico da cidade sendo assim perdurou e se tornou um grande clube. De origem germânica, com “tradição associacionista”, conseguiu rápida ascensão econômica e partiu de uma mentalidade elitista e segregadora com ideais de “pureza”, “família” e “tradição” (DAMO, 2002).

Já o Sport Club Internacional nasce a contraponto ao eterno arqui-rival, criando uma relação direta com o Grêmio. Fundado contra os alemães e sua mentalidade elitista, o Internacional surge para ser um clube onde é aberto para todos, sem realizar qualquer distinção. Com isso esse caráter democrático alcança questões da época como a participação dos negros no futebol. Em 1926 o Internacional começa a aceitar jogadores negros em seu time, antes da profissionalização total do futebol no Brasil (1933) e muito antes também do Grêmio aceitar negros, o que ocorreu em 1952 (DAMO, 2002).

De acordo com De Jesus (2009), o futebol de várzea era tomado como desordem, encontro de vadios a ser disciplinado ou menos perseguido pela polícia.

A imprensa da época estabelecia uma clara distinção entre o futebol das elites, elegante e bem organizado, e o futebol varzeano, como fossem modalidades práticas sociais completamente diferentes e até mesmo opostas. Assim a difusão do futebol enquanto prática popular de entretenimento se insere na classe operária, como elemento cultural, que buscava a necessidade imperativa de sociabilidade e lazer nos bairros operários. De certa maneira, ainda observamos atualmente esse quadro entre o futebol profissional e o futebol de várzea.

O futebol rapidamente atravessou os muros dos recintos fechados da colônia inglesa para as instituições educacionais e clubes nacionais da burguesia, e logo em seguida chegou às ruas de todo o país. A vastidão das várzeas como espaço público começa a resistir a expansão capitalista, permite a disseminação de campos de futebol informal e que expressaram e articularam um vasta rede de bairros populares (DE JESUS, 2009).

A expansão do futebol de várzea após sua disseminação se depara com a preocupação da elite que tinha o interesse de lotear muitas áreas onde praticava o esporte. De Jesus (2009) *apud* Monbeig (1953) aponta que essas zonas eram consideradas como “paraíso para cães vadios (...) refúgio para cabanas de miseráveis, terreno de futebol improvisado para moleques”. Também para esses autores, fica evidente que o futebol comparece na paisagem da época de forma ambígua, onde para um lado a prática informal de entretenimento representa o atraso e a pobreza. Por outro, o estádio é a maravilhosa obra coletiva que encarna plenamente o modernismo.

No Brasil, vemos muitas pessoas que aliam o futebol ao espaço de tempo destinado ao lazer, causando assim, uma grande difusão no futebol de várzea. Por mais que exista constante comparação entre o futebol profissional e o de várzea, Damo (2002), apresenta que existe uma edificação que dá ao espaço do futebol de várzea, uma conotação sagrada, onde está vinculada ao tempo de lazer dos seus participantes, realizada em espaços mais padronizados do que as “peladas”. Aponta também que o futebol de várzea demonstra a presença de quase todos os componentes do futebol-espetáculo, porém em escala reduzida, e que a “grande mídia”, de alcance nacional e estadual, simplesmente ignora a sua existência ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos – brigas, bebedeiras, etc.

Entretanto, Damo (2002), aponta que as manifestações das diferentes configurações do futebol compreendem-se a partir de uma dicotomia

amadorismo/profissional. Dessa forma, Myskiw (2012) corrobora nessa perspectiva colocando que não é incomum, no cotidiano da gestão esportiva, o uso da expressão “uma várzea” para se referir a algo menos organizado, no sentido de requerer maior “profissionalismo”. Quando relacionada com a carência de organização, a noção de várzea colabora numa construção enunciativa depreciativa, não raramente também utilizada para além da dimensão esportiva.

Os campos onde são praticados o futebol de várzea então espalhados a toda parte do território brasileiro. Alguns são de propriedade do Estado, outros são cedidos por agentes privados, boa parte são aquisições de associações comunitárias e, finalmente, há os baldios, terrenos à mercê da especulação imobiliária e, portanto, condenados. Os espaços vazios transcendem o futebol, sendo importantes para a sociabilidade das comunidades do entorno. À preservação destes espaços físicos corresponde a reprodução de um espaço social vinculado às práticas coletivas, das quais o futebol é uma das mais importantes (DAMO, 2002).

Os times, geralmente, contam com uma diretoria, presidência, diretoria técnica. Muitos possuem sede, mesmo que esta seja na casa de um membro do time; os diretores procuram os melhores jogadores, alguns em bairros afastados, e estes, em geral, recebem dinheiro para atuar. É importante montar um time competitivo (PIMENTA, 2009 *apud* DUARTE, 1997).

Diante dessa perspectiva, o futebol de várzea possui essa identidade local, com costumes, tradições e valores singulares. O jogador varzeano possui o perfil de uma pessoa que trabalha em carga horária durante a semana e costuma fazer uma atividade física, no caso jogar futebol, no fim de semana. Também existem ainda nesse cenário, jogadores que chegaram a ser profissionais por algum tempo, mas não conseguiram dar continuidade ou chegaram ao fim a sua carreira. Já alguns passaram pelas categorias de base de algum clube, e por fim, outros que vivem de bonificações pagas pelas instituições de várzea através das participações em torneios e campeonatos da cidade.

4. O ESTRELA SOLITÁRIA FUTEBOL CLUBE: Amizade, respeito e união.

A prática do futebol desde seu nascimento perpassa por diversos âmbitos culturais, sociais e econômicos. O seu elemento central, o jogo, carrega peculiaridades a partir das intenções e finalidades atribuídas pelos espectadores e praticantes. O jogo dialoga com o praticante e o cenário onde se transcorre, revelando complexidades que vão além das quatro linhas. No panorama do futebol de várzea Myskiw (2012) define que é aquele praticado nos espaços urbanos, nos períodos de lazer, organizado e praticado por pessoas comuns, que conciliam essas atividades com o trabalho, os estudos, as dinâmicas familiares, comunitárias e políticas.

Nessa esfera de desdobramento do futebol de várzea, no dia 3 de março de 1990, nasce o time do Estrela Solitária F.C. Idealizado por dois amigos, Cesar Augusto Garcia e Maurício Ferreira. Cujo um deles, o Cesar, me concedeu uma entrevista (Apêndice I). Essa entrevista juntamente com o resgate de fotos e conversas informais com os demais participantes pertencentes desde a fundação do time, possibilitou que as memórias do Estrela Solitária fossem registradas. Mostrou-se necessário realizar essa pesquisa dessa forma devido à falta de material histórico na literatura.

Assim no dia 23 de outubro de 2015 realizei uma entrevista semiestruturada, na residência do fundador do time, Cesar Augusto Garcia. Como a maioria dos brasileiros, Cesar apresentou-se como um apaixonado pelo futebol. Relatou que o futebol está presente na sua vida pelo fato de que nasceu em uma família que sempre gostou de praticar futebol. Seu pai jogou futebol em clubes do interior, mais precisamente na cidade de Uruguaiana. Quando não pode mais jogar futebol, precisou buscar outra fonte de renda. Assim começou a jogar futebol nos campos de várzea. Cesar acompanhava seu pai nos jogos de futebol de várzea desde os cinco anos de idade e disse: “Eu me criei nos campos de várzea. Praticamente eu acompanhei a várzea desde que eu nasci. O futebol faz parte da minha vida desde que eu estava na barriga da minha mãe”.

Cesar recordou que seus pais não viam muita vantagem financeira no futebol. Sua mãe proibiu a ele e seu irmão de buscar uma carreira de jogador de futebol, já que nos anos 1970 o futebol era associado a uma vida boemia e coisa de desempregado. Ele também se lembrou de que na década de 1970, o sonho de

qualquer jovem adulto era trabalhar no Banco do Brasil ou seguir carreira militar. Assim, jogar na várzea era expressar o sonho de jogar futebol imaginando-se no âmbito profissional.

A trajetória de Cesar no futebol de várzea iniciou em um time de rua, no bairro Sarandi. Logo em seguida foi convidado a fazer parte do time da Avibra (Associação da Vila Brasília), pertencente ao bairro Bom Jesus, onde conheceu seu amigo Maurício. Cesar conta que esse time era organizado por um compadre, apelidado de Bolão, que era como um “faz tudo” do time do Avibra. Carregava o fardamento para tudo que era lugar, levava as bolas e marcava os amistosos. Mas como ele ressaltou: era um cara atrapalhado que acumulou histórias mirabolantes. Confessa que o Bolão era um sujeito que tinha muita boa vontade de organizar, mas era desorganizado ao mesmo tempo. Exemplificou isso, lembrando que estavam no período do ano com horário de verão e tinham um jogo domingo de manhã. O Bolão chegou uma hora depois com as fichas do campeonato e acabaram perdendo por W.O. (*Walkover*: vitória atribuída a um equipe quando a equipe adversária está impossibilitada de competir). Também relatou outro episódio onde o Bolão levou o fardamento errado esquecendo-se dos calções.

Figura 1 – Troféu de 3º lugar no Campeonato Aberto CEPRIMA (1994)



Fonte: acervo pessoal João Carlos Fernandes Reis

Com esses frequentes deslizes do Bolão, Cesar e seu amigo Maurício cansaram de jogar pelo Avibra. Decidem então realizar uma reunião e discutir a possibilidade de criar um time, partindo da seguinte questão: “Pô...nós jogamos bem, temos um monte de amigos. Por que estamos na mão de um cara desorganizado se nós somos organizados?”. Assim cansados de correr pros outros, decidem montar um time para eles e seus amigos.

A principal motivação para a criação do time surge no momento que Cesar e Maurício perceberam que podiam montar uma equipe, pois tinham uma boa capacidade de organização. Onde poderiam colocar suas concepções de maneira de jogar futebol, aliando princípios de amizade, parceria e união. Já que priorizariam compor o time com pessoas do bem, sem levar em conta se o amigo jogava bem ou mal. Dessa forma surge a primeira, e principal finalidade do time, segundo Cesar, um time de amigos. Para isso era necessário para ingressar no time ser uma pessoa do bem, com bom caráter e de família. Essa pessoa não entraria no time somente para ser só mais um, mas sim para agregar.

Cesar também destacou que não importava se os ingressantes no time eram ricos, pobres, brancos, etc. Esses aspectos não eram nem um pouco relevantes na escolha do futuro participante, apenas precisava ser uma pessoa do bem. Essa ideia ficou tão característica no time que até hoje está presente. Ele afirmou isso justificando que o time já estava chegando à terceira geração e o ideal ainda se mantinha em pé. Dessa forma o objetivo era manter amigos próximos e agregar mais amigos. Além de cada vez mais fazer novas amizades. Com essa finalidade, evitava-se o que acontecia com os seus pais e as pessoas mais velhas que eles conheciam. Onde as amizades de infância se dispersavam, pois cada um ia para um canto. Acabavam casando, iam para o grupo da namorada, trocavam de bairro, etc. E para contornar isso, Cesar relatou que o time era a melhor maneira de manter os amigos próximos. Tornando assim o futebol o único meio de contato, mesmo que a distância em morar em outra cidade ou bairro existisse. O importante era manter a amizade, onde pelo menos uma vez por semana se viam.

Figura 2 – Amistoso Estrela Solitária F. C. x Funcionários da Petrobras (1996)



Fonte: acervo pessoal João Carlos Fernandes Reis

No processo de formação do Estrela Solitária um dos primeiros passos foi decidir as cores do time. Cesar lembrou que foi um 'briga' pelas cores do time, já que ele é colorado e seu amigo Maurício é gremista. Depois de inumeras ideias, optaram por cores neutras, como preto e branco. Com muitas dúvidas sobre como seriam os próximos passos, chamaram mais um amigo para colocar mais ideias. Ainda faltava como seria o fardamento e o principal, o nome do time. Foi então que em um dia assistindo a televisão, viram uma matéria sobre o Botafogo do Rio de Janeiro. Perceberam que as cores eram iguais ao do Botafogo. Quando decidiram colocar o nome de Botafogo, lembraram que já existia um time chamado Botafogo no bairro IAPI. Ainda por cima, um time rival. Após alguns dias, passa na televisão, por um acaso, segundo Cesar, uma matéria sobre o Garrincha. Quando o Garrincha jogava no Botafogo, ele era chamado de Estrela Solitária. Assim ele e Mauricio, como fãs do Garrincha decidiram nomear o time como Estrela Solitária.

O processo de formação do Estrela Solitária inicia-se quando Cesar e Maurício, já conhecidos no futebol de várzea por jogarem em outros times, conseguiram juntar outros amigos. Cesar morava no Sarandi e o Maurício no Itu

Sabará, e com isso decidiram iniciar o processo na forma de um amigo indicando outro amigo: “Tu conhece alguém que joga bola?”. Nessa dinâmica, os dois conseguiram montar um grupo de 12 ou 13 jogadores. Como já eram conhecidos na várzea, jogavam em muitos campos, como: no campo da praça Alim Pedro no IAPI, no campo do CEPRIMA (Centro Comunitário Primeiro de Maio), no Campo dos Padres – onde é hoje a Arena do Grêmio – no campo do Cocão que é em Alvorada.

A captação dos jogadores partia assim segundo Cesar: “Um amigo indica um amigo. O “A” trazia o “B”, e o “B” trazia o “C”. Se o “C” fosse ruim trazia o “D”. Jogando contra outros times, via se o cara servia para a necessidade do time e convidava ele pra jogar”. Complementou dizendo que como hoje o time é mais competitivo, se busca determinados jogadores em outros lugares. A primeira formação do time tinha como ideia agregar amigos, sem realizar qualquer discriminação. Brincou dizendo que: “Claro que os ruins ficavam pro segundo tempo”. Relembrou novamente que a prioridade era manter a amizade, o respeito e a camaradagem, e exemplificou isso dizendo que ele e o Mauricio já tinham mais de quarenta anos de amizade. Isso se fortaleceu, segundo ele, pelo fato de compartilharem de ideias semelhantes aumentando sua afinidade.

Cesar expressou e destacou mais uma vez que para entrar no time – “nossa casa” como ele chamou – precisava ser uma pessoa do bem, e dessa forma representar bem o Estrela Solitária ao vestir a camisa do time. Apresentando bondade e respeito acima de tudo. Com isso, Cesar confirmou que o time é respeitado até hoje por levar sempre em todos os lugares essa ideologia. Percebeu também que representar o Estrela Solitária vai além de “bater uma bola”, mas sim representar algo na sociedade e no contexto do futebol de várzea. Iustrou isso ao referir-se ao seu filho que é reconhecido em lugares que ele nunca foi, somente pelo fato dele levar o nome do Estrela Solitária, com os preceitos de amizade, respeito e bom futebol.

Cesar destacou que quando se jogava futebol na várzea naquela época, sempre tinha alguém de outro time assistindo. Dessa forma, ele trouxe o exemplo que se você estava jogando no horário das duas da tarde, e no próximo final de semana queria jogar no horário das quatro, bastava procurar alguém que organizava os jogos do time para marcar uma partida. Concluiu afirmando que a várzea é um grupo social.

Figura 3 – Estrela Solitária F.C. Veteranos (2013)



Fonte: acervo pessoal João Carlos Fernandes Reis

Quando o indaguei sobre como funcionava a gestão da equipe, Cesar logo revelou que todo o time de várzea tem a sua “panela”. Os times sempre tinham três ou quatro participantes que gerenciam o time. Dentro dessa panela distribuía-se funções para cada um, como ser responsável pelo fardamento (levar para casa e trazê-lo lavado no próximo jogo). Gerenciamento da ‘caixinha’, da escala, planejamento da tabela do ano com todos os jogos no calendário. Por fim outras decisões como a captação de jogadores e a dispensa de outros, também eram funções dos membros da “panela”. Segundo Cesar, o futebol de várzea apresenta-se como algo amador, sem muita organização, e mesmo assim existe por trás dele uma política. A “panela” que determina quem vai jogar e quem não vai jogar. Ele salientou que fazia parte da “panela” juntamente com o Mauricio, pois eram os fundadores.

Cesar recordou que se criou a tradição de não jogar domingo por causa da família. Os jogos eram e são até hoje aos sábados de tarde, e os domingos eram também dias reservados para a “churrascada” do time. Nos dias de jogo, a panela se reunia na casa do Maurício para escalar antes o time. Assim se organizava as ideias, estratégias de jogo, escalação, colocando em avaliação o jogo passado pra ver quem brigou ou quem fez algo de destoasse do grupo. Cesar colocou que tudo

era resolvido a partir do diálogo. Caso acontecesse algo, falavam em particular com o jogador, e se ele não mudasse futuramente seria desligado do time. Outra situação colocada em questão era se o participante não pagasse a caixinha, ou estava atrasado, eles buscavam descobrir o que estava acontecendo.

Então a várzea apresenta-se como algo de cunho social, como trouxe Cesar. Percebia que alguns praticantes iam jogar e acabava levando problemas de casa, e utilizavam da várzea como sua terapia no final de semana. Ele citou a sentença de Nelson Rodrigues, que disse: “Futebol, ópio do povo”. Sendo assim, Cesar cogitou que se o futebol de várzea se acabar, muitas pessoas não terão o que fazer no final de semana.

O time do Estrela Solitária nunca teve uma sede, e Cesar atribui isso ao alto custo de obter e manter algo assim. Ele constatou que sedes existem apenas para times mais antigos de bairros antigos, e também considerou que nas cidades como Alvorada, Canoas e Cachoeirinha por terem imóveis mais baratos, permitem que os times possuíssem e mantivessem suas sedes. Durante o desenvolvimento do time a falta de sede apresentou-se com um obstáculo pertinente. Cesar salientou que tudo se transcorria na casa do Maurício. Lá era guardado o fardamento e aconteciam a maioria das reuniões. Caso não conseguissem algum outro lugar para se reunir, iam para um bar, e concluiu em tom descontraído que: “O bar era nossa sede”.

O campo que recebeu durante quinze anos, com horário fixo, os adversários do Estrela Solitária era o campo dos padres no bairro Humaitá, onde hoje é a Arena do Grêmio. Cesar define que qualquer time de futebol de várzea precisa ter a sua identidade própria. Quando o time é mandante no campo, onde se joga sempre no mesmo horário, essa identidade precisa fazer-se presente. Assim o adversário demonstra respeito. Então o mandatário sempre tem mais poder de força em campo e de reação. Ele também associou o futebol de várzea com a realidade do futebol profissional: onde o adversário é forçado pelo ambiente a respeitar o time mandante e o deixa-lo mandar um pouco no jogo. Na várzea, segundo Cesar, o juiz é amigo dos jogadores do time mandante, chegando ao ponto de chamar os jogadores pelo nome. E às vezes o juiz fala mais alto com seu time do que com o adversário, impondo com maior rigor as regras sobre o seu time.

Figura 4 – Amistoso Estrela Solitária x Circulo Operário (1995)



Fonte: acervo pessoal de João Carlos Fernandes Reis

Cesar relembrou que: “Nós conhecíamos cada espaço do gramado, cada buraco do chão, quando o vento batia de um lado pro outro, quando estava mais calor ou frio, quando chovia o campo ficava mais pesado que o outro. No horário de verão sabíamos sair jogando contra o sol ou a favor dele. Se o vento era norte ou sul”. Revela também que tudo isso influencia na várzea tornando-a uma replica, um molde bem mais inferior do futebol profissional.

Como todo time de futebol de várzea, o Estrela Solitária enfrentou dificuldade nos seus primeiros passos. Cesar destacou que foi complicado trazer pessoas para compor o time, pois a maioria dos convidados já faziam parte de outros times. Outro aspecto ressaltado por ele foi que quando se retirava alguém do time, criava-se um pouco de inimizade. Algumas pessoas ficavam ofendidas com essa atitude, e ainda mais quando buscavam outros jogadores para substituí-los. Isso tudo se resolvia com o tempo, segundo Cesar.

Ao longo desses vinte e cinco anos de história o Estrela Solitária acumulou muitas participações em campeonatos e títulos. Cesar lembra que o time disputou muitas vezes a Taça do América, um dos campeonatos de várzea mais tradicionais

do Rio Grande do Sul. O Estrela Solitária também disputou a Copa Paquetá, que anos depois vinha se chamar Campeonato Municipal de Futebol de Várzea, e parou de participar porque se realizava aos domingos. Recentemente, no final do ano de 2014, o time conquistou o título do Campeonato Metropolitano – de forma invicta. Além desses, Cesar destacou que jogaram alguns torneios no interior. Mas nessa época, ele estava jogando fora do time, por causa de um problema interno do grupo.

Figura 5 – Campeonato de Três Cachoeiras (1995)



Fonte: acervo pessoal de João Carlos Fernandes Reis

Durante a entrevista, um dos pontos discutidos foi sobre como Cesar via o cenário do futebol de várzea antigamente e atualmente. Ele iniciou dizendo que via o futebol de várzea mais violento atualmente. Salientou que naquele tempo o jogo também apresentava aspectos de agressividade, mas sempre com respeito ao adversário. Já nos dias atuais, os jogadores vão ao campo para brigar literalmente, e chega ao ponto de pessoas envolvidas no jogo, levarem armas para o campo. Cesar taxa que a violência no jogo está cada vez mais exacerbada, e alguns jogadores

confundem a disputa da bola em uma jogada por agredir o adversário com ponta pés e socos.

Cesar apontou que essa maldade presente no atual futebol de várzea, pois os jogadores confundem a televisão com a várzea, se convensendo de que são craques de bola. Outro aspecto levantado por Cesar foi que esse atual cenário deve-se também a banalização generalizada da violência na sociedade brasileira. Ele contata que sempre houve o futebol intimidação, violência no futebol, mas existia um pouco de respeito, e termina complementando: “O respeito acabou. Hoje um cara não exita em puxar uma arma e dar um tiro numa pessoa por causa do futebol de várzea (...) Ouvia-se pouco falar sobre arma de fogo em campo de várzea. Hoje o revolver em campo de várzea é a coisa mais comum. Houve até mortes no campeonato municipal de Porto Alegre por causa disso aí”.

Mais recentemente, no ano de 2013, o Estrela Solitária sofreu uma divisão. Cesar relata que os jogadores apresentavam um mescla de faixas etária. Sendo que os jogadores mais novos queriam competir, e os mais velhos já preferiam disputar amistosos. Houve então essa separação resultando no Estrela Solitária *Kids* e Estrela Solitária Veteranos. O time *Kids* almeja entrar em campeonatos e é dirigido pelo filho de Cesar. Durante o ano de 2013, esse time inicia suas atividades disputando somente amistosos para ver se podiam alcançar algo. Já no ano de 2014, o time do Estrela Solitária *Kids* sagrassou-se campeão do Campeonato Metropolitano.

Figura 6 - Amistoso entre Estrela Solitária Veteranos e Estrela Solitária *Kids* (2013)



Fonte: acervo pessoal João Carlos Fernandes Reis

5. A PERPETUAÇÃO DO TIME

Quando encaminhavamos para o final da entrevista Cesar considerou como maior destaque na história do Estrela Solitária a manutenção da amizade ao longo dos anos pelos jogadores. Estendeu isso ao seu filho que comanda o time no presente momento, que participou do título inédito do Campeonato Metropolitano e perpetua o princípio da amizade do time. Ele também revelou que cada vez que entravam em campo com a camisa do time era um novo momento em suas vidas, sendo assim um novo jogo.

Figura 7 - Estrela Solitária F.C. campeão do Campeonato Metropolitano (2014)



Fonte: página oficial no Facebook do Estrela Solitária F.C. (acesso 30/11/2015)

Assim comentou que cada jogador deveria ter a consciência que carregava nas costas um peso de 25 anos de história, que lá atrás um grupo de amigos se juntou em uma esquina e decidiu fazer um time. E confessa: “Nós nunca almejávamos chegar onde chegamos, mas no fundo nós tínhamos esse sonho, porque nós víamos outros times de várzea com anos de história e dizíamos: de repente um dia chegaremos lá”.

O desejo de que o time não “morresse” também estava presente no sonho de Cesar e de todos os outros fundadores. Assim, disse que acreditava que isso faz com que o futebol de várzea seja tão interessante e comparou o seu time de futebol de várzea com um filho. Onde o seu objetivo é que ele sempre seja o melhor, o mais bonito e ganhe todos os jogos.

Diante disso, foi bastante fervoroso e esperançoso no momento que desejou que os novos jogadores que estão ingressando no time, mantenham e busquem esses sonhos, jogando pelo prazer ao futebol aliado à amizade. Assim honrando aquilo que está fazendo e a camisa que veste. E expressou isso dizendo: “ Não colocar a camisa só pra bater uma bola. Bater uma bola tu vai ali numa praça e te junta com um grupo. Esse símbolo que tu carrega em muitos lugares é respeitado.”

Lembrou que como já tinham jogado em muitos lugares da cidade, e até mesmo fora dela, a representação do time deveria ser feita com a consciencia da sua importância. A consciencia disso passaria por assumir essa identidade para que daqui a dez anos tenham orgulho de dizer: “Eu faço parte desse time. Eu ando na rua e as pessoas me reconheçam como jogador do Estrela Solitária.”.

Cesar ressaltou que gostaria que a atual turma que representa o Estrela Solitária (*Kids*), percebe o valor de mater a identidade do time, o respeito pelo adversario e a amizade, parceria e união entre os companheiros de equipe. Espera que os integrantes sigam amigos graças ao time e revela que não sabe se a camisa do Estrela Solitária será eterna, mas gostaria que ela se mantivesse.

Figura 8 - Estrela Solitária *Kids* (2012)



Fonte: acervo pessoal João Carlos Fernandes Reis

Por fim, confessa que o mais difícil é o dia de parar. Isso entre os veteranos é muito debatido, e nisso expõem seus receios e medos de parar de jogar futebol. Ele diz que alguns dos veteranos garantem que quando não tiverem mais forças nas pernas e não puderem mais jogar, eles vão encontrar alguma maneira de participar da várzea. Sendo levando o fardamento no vestiário para ver os mais novos representando seu time. E finaliza dizendo: "... quem criou isso aqui leva eternamente. Pois quem ama a várzea, não larga mão do futebol."

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após reconstruir as memórias do Estrela Solitária observei peculiaridades que cercaram a trajetória construída pelo time e seus participantes. Assim como o Estrela Solitária se relacionou no futebol de várzea da cidade de Porto Alegre e região metropolitana. Ficou evidente que a prática do esporte torna-se mero condutor dos laços interpessoais desenvolvidos. Onde o ritual de jogar futebol nos campos de várzea, representando um time, é uma responsabilidade e honra para seus praticantes.

Para isso, Cesar e os outros fundadores demonstraram e continuam a transmitir que a prática do futebol de várzea vai além do horário fixo em determinado campo, de “bater uma bola” e até mesmo ganhar o jogo. Como ele e outros veteranos disseram, o placar final do jogo, depois de um tempo já não faz diferença para o ritual de se reunirem todo sábado de tarde. Ao mesmo tempo em que a competição está inerente aos jogos de futebol de várzea, o desempenho do time dentro de campo fica em segundo plano, e a principal finalidade desse encontro rotineiro é a valorização e conservação dos laços entre os jogadores.

É preciso salientar que o relato histórico sobre o time, apesar de ter sido ilustrado por um dos principais fundadores do Estrela Solitária, apresenta limitações. O fato de apenas um dos fundadores ter exposto a sua visão de como se desenvolveu o time, de certa maneira pode criar barreiras sobre a reconstrução da história. Dessa forma a análise se restringe a uma visão, criando barreiras baseadas na subjeção do que se transcorreu. Assim com outras visões, de outras pessoas que estavam presentes na construção da história do Estrela Solitária, as informações e fontes poderiam ser contestadas e consistentes. Outra dificuldade encontrada no decorrer do estudo foi a falta de documentos e poucas fotos - principalmente no período da década de 1990, onde não se tinha a facilidade de ter uma câmera fotográfica.

A complexibilidade das relações interpessoais ficou evidente quando o time apresentou divergências na hora das partidas com uma mescla de jogadores com idades mais avançadas e os mais jovens. A intenção que cada participante imprime ao jogar é algo com finalidades intrínsecas expostas a influências do ambiente. No recorte desse episódio descrito, os veteranos que já não buscavam a competição como principal finalidade, discordavam dos mais jovens que tinham como objetivo

encontrar desafios com características competitivas. Isso fez com que o time se dividisse naturalmente demonstrando uma evolução e capacidade de organização adaptativa.

O respeito exigido para ingressar no Estrela Solitária refere-se no momento que o participante está dentro ou fora de campo. Faz-se necessário respeitar o companheiro que veste a mesma camisa e está ali com as mesmas finalidades, cultivando o mesmo sentimento de companheirismo. Já ao adversário, o respeito torna-se uma forma de admirá-lo em relação a sua capacidade, sem temê-lo. Assim respeitar a partir desses aspectos e transmiti-los demonstraram-se primordiais para que o legado do Estrela Solitária se perpetuasse de geração a geração.

A união presente nos ideais do Estrela Solitária iniciou quando Cesar e Maurício, dois amigos apaixonados por futebol, perceberam que precisariam criar um time onde os participantes sentissem que unidos poderiam levar o Estrela Solitária cada vez mais longe. Esse espírito de união é observado até hoje, e um dos exemplos disso é que todos se encontram em um lugar marcado antes do jogo para que cheguem juntos no campo marcado. Se alguém se atrasa, o time todo se atrasa, ficando evidente essa forte união.

Por fim o laço mais forte cultivado, sendo o principal pilar salientado pelo Cesar durante a entrevista, a amizade. O Estrela Solitária leva em sua filosofia que a amizade garantiu a trajetória e crescimento sucedido do time se deve principalmente aos princípios de valorização da amizade entre os participantes. Dessa forma a identidade foi e é formada pelos participantes, revigorada cada vez que um novo amigo ingressa no time. Permitindo assim, que os participantes sintam-se pertencentes e herdeiros desse legado. O Estrela Solitária serve de ferramenta para que esse time de amigos permaneça renovado e pulsante ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/agosto, 2003.

DAMO, Arlei S. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. **ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 26, p. 76, 2002.

DE JESUS, Gilmar M. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2009.

GUAZZELLI, Carlos A. B. Barcellos. **Questões de teoria e metodologia da história**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 13, junho de 2000.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142, 1999.

MAZO, Janice Zarpellon et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modo de usar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 21 ago. 2010.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

PIMENTA, Rosângela D. et al. **Desvendando o Jogo**: futebol amador e pelada na cidade e no sertão. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE I: ENTREVISTA COM O FUNDADOR DO ESTRELA SOLITÁRIA, CESAR AUGUSTO GARCIA (E), REALIZADA POR JONAS SANTOS HÜBNER (J):

Entrevistado: (E) Cesar Augusto Garcia. 52 anos. Ensino Superior Incompleto.

1) Como foi o teu primeiro contato com o futebol de várzea?

(E) Eu venho de uma família que sempre gostou de praticar futebol. Meu pai jogou futebol em clubes do interior semiprofissionalmente, mais precisamente na cidade de Uruguaiana. Quando começou a trabalhar, para se manter melhor financeiramente, foi jogar futebol na várzea. Então desde os meus cinco anos de idade eu o acompanhava nos jogos da várzea. Eu me criei nos campos de várzea. Praticamente eu acompanhei a várzea desde que eu nasci. O futebol faz parte da minha vida desde que eu estava na barriga da minha.

2) Você buscou jogar futebol profissionalmente?

(E) Não. Meus pais não viam muita vantagem financeira no futebol. Minha mãe me proibiu e meu irmão de buscar uma carreira de jogador de futebol. Nos anos 1970 o futebol não é como hoje. Era mais uma vida boemia e coisa de desempregado. O sonho de qualquer pessoa nos 1970 era trabalhar no Banco do Brasil ou seguir carreira militar. O futebol já não era tanto a aspiração da gurizada. Nós internamente não éramos tanto assim. A várzea é o sonho de futebol que não chegou ao profissional.

3) Você participou de outros times antes de fundar o Estrela Solitária?

(E) Nós tínhamos um time de gurizada da rua, e depois a gente participou do time da Avibra. Uma associação dos moradores do bairro Bom Jesus. Ali eu comecei a jogar com o meu parceiro Maurício e mais um monte de colegas. Esse time quem comandava era um compadre meu, o Bolão. Ele era um cara que tinha muita boa vontade de organizar, mas era desorganizado ao mesmo tempo (risos). Ele fazia tudo. Ele era o mandatário, carregava o fardamento, levava as bolas, mas era um cara atrapalhado. Então nós pensamos: “Pô...nós jogamos bem, temos um monte de amigos, por que estamos na mão de um cara desorganizado se nós somos organizados?” Aí fizemos uma reunião, eu e o Maurício, em um dia assim aleatório da vida. Nós cansamos de correr pros outros e decidimos montar um time para nós com os nossos amigos.

4) Quais fatores despertaram teu interesse em fundar um time? Qual o teu principal objetivo ao fundar o time?

(E) O interesse surgiu no momento que vimos que podíamos fazer o nosso time. Onde nós organizaríamos, colocaríamos o nosso jeito de jogar do time, as ideias de amizade, parceria e união, colocando gente do bem sem priorizar se jogava bem ou mal. Nós tínhamos um ideal no time: time de amigos. Para entrar ali precisaria ser

uma pessoa do bem, bom caráter, um cara de família. Não viria pra ser só mais um, mas sim para agregar. Podia ser rico, pobre, branco, não interessa o que cara era, tinha que ser uma pessoa do bem. A ideia era fazer um grupo de amigos, que tanto é que até hoje se manteve. Já estamos na terceira geração que o ideal se manteve em pé. O objetivo era manter amigos próximos e agregar mais amigos. A ideia era fazer amigos. O que acontecia era que nossos pais, as pessoas mais velhas que nós conhecíamos que eram amigos desde a infância se dispersavam. Cada um ia para um canto. Casavam, iam pro grupo da namorada, trocava de bairro, etc. Nós considerávamos o time como a melhor maneira de manter os caras agrupados. Mesmo que morasse em outra cidade ou bairro, o futebol era o único meio de contato. Não perdia o amigo de vista. Uma vez por semana tu o vias. Então a ideia era essa aí: manter a amizade.

5) Como foi o processo de fundação do Estrela Solitária?

(E) Nós jogávamos no Avibra que disputava o campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre, Copa Cidade na época. Só que o Avibra era um time desorganizado. O diretor do time, meu amigo até hoje, mas tem histórias mirabolantes dele. Uma vez estravamos no horário de verão, nós tínhamos um jogo domingo de manhã e ele chegou uma hora depois com as fichas do campeonato e acabamos perdendo por W.O. (*Walkover*: vitória atribuída a um equipe quando a equipe adversária está impossibilitada de competir). Outra vez ele levou o fardamento errado, esqueceu do calção. Essas coisas aconteciam e nós começamos a cansar. Um dia eu e o Maurício nós decidimos fazer o nosso time. Temos um monte de amigos e temos condições de manter.

6) Por que o nome do time é Estrela Solitária?

(E) O primeiro passo foi decidir as cores do time. Começou aquela 'briga' pelas cores do time, já que eu sou colorado e ele gremista. Na hora que fundamos o time decidimos fazer uma cor neutra, preto e branco. Aí ficou preto e branco. Passou mais os dias durante a montagem do time, chamamos mais um amigo para colocar mais ideias. Não sabíamos como seria o fardamento do time e ideia nenhuma. Aí assistindo a televisão, vimos uma matéria sobre o Botafogo do Rio de Janeiro. Então vimos que as cores estavam igual a do Botafogo. Quando decidimos colocar o nome de Botafogo, lembramos que existia um time chamado Botafogo no bairro IAPI. Um time nosso rival. Então por um acaso, estávamos conversando e vimos uma matéria sobre o Garrincha. Ele era chamado de Estrela Solitária no Botafogo. Eu e o Mauricio éramos fãs do Garrincha. Acabou assim sendo uma homenagem ao Botafogo e ao Garrincha.

7) Como foi o processo de organização do time (uniforme, jogadores, técnico, campos, amistosos, campeonatos) depois da sua fundação?

(E) Como nós vivíamos jogando futebol de várzea em times de amigos e a nossa turma era conhecida no bairro porque jogávamos bem, nós tínhamos muitos contatos. O que aconteceu foi que a gente começou a ligar pros caras que jogavam

em outros times. Eu morava no Sarandi e o Maurício no Itu Sabará. O processo inicia em um amigo indicar um amigo: “Tu conhece alguém que joga bola?”. Nós montamos um grupo de 12 ou 13 caras e aí começamos a jogar bola. Quanto a disputas de campeonatos, todo mundo já nos conhecia da várzea. Nós jogávamos em tudo que era campo: no campo da praça Alim Pedro no IAPI, no campo do CEPRIMA (Centro Comunitário Primeiro de Maio), no Campo dos Padre – onde é hoje a Arena do Grêmio – no campo do Cocão que é em Alvorada. Disputamos o tradicional campeonato do América – tradicional campeonato organizado pelo time América em Gravataí - em que ficamos em sétimo lugar. Quando se joga futebol na várzea, um cara indica o próximo jogo. Por exemplo: está jogando no horário das duas da tarde, e quer jogar no horário das quatro, basta procurar alguém quem organiza os jogos do time para marcar uma partida. A várzea é um grupo social. Tu estás jogando num campo e passa fardado, o cara te vê e pergunta: “Quem são vocês?”. Indica-se o organizador e que tem contato com os times para marcar um jogo. Nós jogamos campeonato do América varias vezes. Um dos campeonatos de várzea mais tradicional do Rio Grande do Sul. Jogamos a Copa Paquetá – anos depois se tornou o Campeonato Municipal de Futebol de Várzea – não jogamos o municipal porque era domingo. Criamos a tradição de não jogar domingo por causa da família. Só jogávamos sábado de tarde. Domingo de manha no máximo. Os domingo eram também dias reservados para a “churrascada”.

8) Como funciona a gestão da equipe (diretoria, eleições, política financeira)? Como se selecionam “dirigentes”?

(E) Todo o time de várzea tem a sua “panela”. São três ou quatro caras que pensam o time. Um leva o fardamento é responsável pelo fardamento, um era dono da ‘caixinha’, um escala, um planejava a tabela do ano com todos os jogos no calendário, um resolve quem vai trazer para o time ou vai cortar dele. O futebol de várzea mesmo sendo uma coisa meio amadora existe por trás uma política. Primeiro tem a panela. A panela que determina quem vai jogar e quem não vai jogar, manda na caixinha. Eu e o Mauricio, como fundadores, éramos a panela. Claro que existiam outros dois ou três caras agregados que eram nossos amigos fiéis, que confabulavam isso em “off”. Por exemplo: o jogo era sábado de tarde, nos encontrávamos antes na casa dele (Mauricio) pra escalar antes o time. Montar as ideias, estratégias de jogo, escalação, como iria jogar, avaliar o jogo passado pra ver quem brigou ou quem fez algo de destoasse do grupo. Caso acontecesse algo, falávamos em particular com o cara, se ele não mudasse futuramente seria desligado do time. O cara que não pagava a caixinha, ou estava atrasado, nós chamávamos num canto pra ver o que estava acontecendo. Então a várzea é até uma coisa de cunho social. Tem gente que vai jogar e leva problema de casa, consegui fazer sua terapia do final de semana. É uma coisa interessante. Até o Nelson Rodrigues dizia : “ Futebol, ópio do povo.”. E isso é fato. Futebol de várzea se morrer, muitas pessoas não terão o que fazer no final de semana. É uma coisa incrível. Com isso cada vez mais cresce o futebol de várzea.

9) O time tem/teve alguma sede? A equipe possui campo para receber jogos?

(E) Era o nosso sonho, mas a gente não conseguiu pelo alto custo. As sedes existem mais de times antigos de bairros antigos. Existem poucos atualmente. As cidades como Alvorada, Canoas e Cachoeirinha por terem imóveis mais baratos e serem muito mais antigas sobreviveram os times com sedes. Acho que aqui em Porto Alegre, três ou quatro times da várzea tem sede.

10) O Estrela Solitária tinha algum campo para receber seus jogos?

(E) O campo que recebíamos nossos adversários era no campo dos padres no bairro Humaitá, onde hoje é a Arena do Grêmio. Ali nos jogos durante 15 anos com horário fixo aos sábados.

11) Quais as dificuldades encontradas durante a fundação do time?

(E) Foi conseguir trazer pessoas que já jogavam a muito tempo em outros times. Quando se retirava alguém do time, criando um pouco de inimizade. Algumas pessoas ficaram até de mal conosco e ofendidos porque nós buscamos outros caras de outros times e deixamos alguns amigos de lado. Mas depois eles viram que isso era coisa normal. Durante um bom tempo amigos nossos não nos procuravam pra jogar bola com a gente ou contra porque a gente buscou jogadores do time deles. Cara que eram peças chave do time deles, porque nos tínhamos ideias melhores. Éramos mais organizados e bem montados. Ai os caras que vieram ficaram um bom tempo mal vistos por terem dado as costas para o time deles. Apesar disso que a gente passou, foi coisa rápida.

12) Quais as dificuldades encontradas hoje na manutenção do time?

(E) A falta de sede. Porque nos encontrávamos na casa do Maurício. A casa dele era onde se guardava os fardamentos, onde aconteciam as reuniões. Tudo era na casa dele. O único problema era o espaço para nos reunirmos. Caso contra, se não tínhamos um lugar pra reunião, íamos para um bar. O bar era nossa sede.

13)Quais campeonatos a equipe disputou e disputa atualmente? Quais os principais títulos do clube?

(E) Nós temos um sétimo lugar na Taça do América, o maior torneio de várzea do estado. Temos um título do Campeonato Metropolitano invicto. Jogamos alguns torneios no interior. Mas nessa época eu estava jogando fora do time, por incrível que pareça. Por causa de um problema interno do grupo e então eu não participei.

14)Como era o cenário do futebol de várzea na época e como você o vê hoje?

(E) Eu vejo hoje o futebol de várzea mais violento. Naquele tempo a coisa era mais... O jogo era violento, mas era com respeito. Hoje os caras vão pro campo pra brigar literalmente, vão armados pro campo. Antigamente não era tanto assim. Eu vejo hoje uma violência exacerbada da gurizada. Os caras estão confundindo em dar ponta pé e soco com dividir uma bola. Existe uma maldade escancarada. Antigamente o futebol tinha maldade, mas existia um pouco mais de respeito. Hoje os caras não se respeitam mais e confundem a televisão com a várzea se achando craques de bola na várzea e não são tudo isso ai. Acham que são os donos do mundo na várzea se impondo de um jeito... Não sei. É algo até generalizado na sociedade brasileira. Muita violência das pessoas, e os caras acham que vão resolver intimidando as pessoas. Sempre houve o futebol intimidação, violência no futebol, mas existia um pouco de respeito. O respeito acabou. Hoje um cara não hesita em puxar uma arma e dar um tiro numa pessoa por causa do futebol de várzea. Antigamente isso não existia. Ouvia se pouco falar sobre tiro em campo de várzea, em arma. Hoje o revolver em campo de várzea é a coisa mais comum. Houve até mortes no campeonato municipal de Porto Alegre por causa disso ai.

15)Como era feita a captação de jogadores logo na sua fundação e atualmente?

(E) Um amigo indica um amigo. O "A" trazia o "B", e o "B" trazia o "C". Se o "C" fosse ruim trazia o "D". Jogando contra outros times, via se o cara servia para a necessidade do time e convidava ele pra jogar. Hoje como o time é mais competitivo até buscamos caras chave em outros lugares. Mas na época da primeira formação do time. A ideia era se o cara fosse bom ou ruim, gordo ou

magro jogava bola porque era amigo. Claro que os ruins ficavam pro segundo tempo (risos). Mas a ideia era só amigos mesmo e se esse amigo não fosse boa pessoa, não jogava mais no time. A prioridade é manter a amizade, o respeito e a camaradagem. Eu e o Mauricio, nós somos amigos quarenta anos. Desde os nossos oito anos de idade, nós somos amigos. Nós sempre tivemos uma parceria muito legal. Ideias iguais com bastante afinidade. Nós sempre pensamos assim: pra entrar na nossa casa precisa ser uma pessoa do bem, então pra vestir nossa camisa precisa ser um cara do bem. Bondade e respeito acima de tudo. Tanto é que nosso time até hoje é respeitado em todos os lugares que a gente vai. Conhecido em vários lugares da cidade. Eu tenho amigos que eu encontro às vezes na praia, em bares noturnos que eu frequento são amigos da várzea. Eu só conheço do futebol. Nunca vieram na minha casa, só os conheço do futebol. Encontro o cara no centro da cidade, em lugares qualquer da vida ai, e o cara diz: "Esse é o fulano do Estrela.". Então, o Estrela representa alguma coisa na sociedade e no meio da várzea. Hoje o meu filho é conhecido por causa do Estrela. Vai a alguns lugares que eu nunca fui e ele é respeitado por causa do Estrela. Ele levou a nossa ideia de amizade, respeito, de bom futebol e isso eu espero que se perpetue.

16)Qual a origem (bairro) dos jogadores do time? Os jogadores eram/são todos moradores do bairro Bom Jesus?

(E)Nós éramos dos bairros Passo da Areia, Sarandi, Itú Sabará, IAPI, entre outros. Nós jogávamos no bairro Bom Jesus. Um cara era da Bom Jesus que nos convidava pra jogar no time da Bom Jesus.

17.Qual a aproximação do time com a comunidade local no momento de sua fundação e atualmente?

(E)Nos criamos frequentando os campos do CEPRIMA, Alim Pedro, onde tinham muitos campos de várzea... os caras nos conheciam como os guris da Assis Brasil. Nós jogávamos futebol de salão, futebol sete, cada um jogava uma vez em um campo futebol de amigo e dessa forma todo mundo se conhecia no bairro. Ali que tivemos nossa formação de grupo de amigos e de sociedade.

18. Onde é realizada a maioria dos jogos do time? Porque?

(E) No campo dos Padres, onde é a Arena do Grêmio no bairro Humaitá. Como era um campo centralizado e era o nosso campo. Porque na várzea tem uma coisa que é assim: tu tens a tua identidade própria. Quando tu és dono do campo, se o horário é teu, manda no campo e tu recebe teu adversário. É uma questão de identidade. Quando o time adversário vem, ele te respeita um pouquinho mais. Porque vai jogar no teu campo, no teu espaço, na tua casa. Quem vem de fora vem com um pouco de medo do time. Então o mandatário sempre tem mais poder de força em campo e de reação. Que nem o futebol profissional: tu vais ao campo adversário, tu é obrigado a respeitar teu adversário e o deixar mandar um pouco mais no jogo; o juiz é amigo dele e conhece todos os jogadores pelo nome. Quem chega de fora estranha isso, se sentindo fora de casa. Nós sabíamos cada espaço do gramado, cada buraco do chão, quando o vento batia de um lado pro outro, quando estava mais calor ou frio, quando chovia o campo ficava mais pesado que o outro. No horário de verão sabíamos sair jogando contra o sol ou a favor dele. Se o vento era norte ou sul. Tudo isso aí influencia na várzea. Ali era o nosso campo. Nos impunhamos mais que o adversário, gritávamos mais que eles. Quando íamos jogar em Alvorada a coisa já mudava. O dono da casa se impunha sobre a gente, já chegando um pouco mais forte. Sabendo que a casa era dele dava um ritmo diferente. Quando tu estás na casa adversário, tu és obrigado a chegar com um pouco mais de respeito. Não pode falar mais alto no campo. O juiz fala mais alto com teu time do que com eles e se impõe mais na regra pra nós. A várzea também tem essas coisas do futebol profissional. É uma replica, um molde bem mais inferior, mas copiamos o futebol profissional. O dono da casa manda no jogo e o adversário tem de respeitar.

19. Quais foram os momentos de maior destaque na história do clube?

(E) O maior destaque foi manter a amizade da gurizada. Hoje tem um grupo novo de gurizada que chegou onde o meu filho comanda. Eles chegaram com um troféu inédito e maravilhoso na vida do nosso time. Mas acho que a coisa mais importante é manter a amizade. Isso aí é o nosso foco e nunca vai abrir mão. O momento é cada jogo. Cada vez que a gente entra em campo com a

camisa do time é um novo momento da nossa vida, é um novo jogo. Saber que tu levas nas costas um peso de 25 anos de história que lá atrás um grupo de gurizada se juntou em uma esquina e decidiu fazer um time. Nós nunca almejávamos aonde chegou, mas no fundo nós tínhamos esse sonho, porque nós víamos outros times de várzea completos e com anos de história e dizíamos: “Bá, de repente a gente vai chegar lá um dia”. Chegou. Não sei como, mas desse jeito e acho que vai chegar muito mais longe ainda.

20. Quais questões tu gostaria de destacar acerca da história do time?

(E) O nosso sonho é que o time não morra. O futebol é uma coisa engraçada. O teu time de futebol é que nem teu filho. Quer manter ele sempre. Tu queres que ele seja o melhor, o mais bonito e ganhe tudo que é jogo. Então quando tu dizes: “Bá, esse time é maravilhoso”; é uma coisa estranha, mas time de várzea é assim. Espero que os caras que estão entrando hoje e que vão manter o time tentem esse sonho. Jogar pelo prazer do futebol e gostar do que faz. Honrar aquilo que tu estás fazendo e a camisa que tu veste. Não colocar a camisa só pra bater uma bola. Bater uma bola tu vai ali numa praça e te junta com um grupo. Esse símbolo que tu carrega em muitos lugares é respeitado. Nós já jogamos em muitos lugares na cidade, muitos torneios e até hoje nos respeitam por causa disso. Então, espero que os guris que hoje vestem a camisa assumam essa identidade para que daqui a dez anos vão ter orgulho de dizer: “Eu faço parte desse time. Eu ando na rua e os caras me reconhecem por causa disso aqui.”. Espero que a turma que vai levar adiante a nossa ideia consiga perceber isso. Manter a identidade, respeito pelo adversário, pelo colega em campo, amizade, parceria e união. Espero os amigos sigam amigos e mantenham a camisa eternamente. Não sei se vai ser eterna a camisa, mas mantê-la. A coisa mais difícil é o dia de parar. Isso tu não perguntou pra mim né? (risos). O que mais conversamos no time dos veteranos, entre os fundadores, em uma mesa de bar e dissemos assim: “Pessoal, nós vamos ter que parar um dia.”. Nessa hora nos ficamos com medo. Alguns mais velhos do time comentam que quando não tiverem mais força nas pernas e não poderem mais jogar bola, nós vamos levar o fardamento pros caras. Quem ama a várzea, não larga mão do futebol. Nossa maior preocupação: o que fazer depois que a bola parar? Vamos criar a

necessidade de participar. Nem que seja fazer um churrasco pros guris, levar o fardamento no vestiário e olhar eles jogarem. Porque quem criou isso aqui é eternamente.

21. Quando e como aconteceu a divisão do time em Master e “*Kids*”?

(E) Os mais novos no time queria competir. Houve a divisão porque os mais velhos não tinham condições de competir por não apresentarem mais força. Resolvemos entrar em um campeonato e montamos o time *Kids*. Meu filho e outro amigo que montaram a equipe. Isso aconteceu no ano de 2014. Nós jogamos durante 2013 só amistosos para termos uma noção do que podíamos alcançar. Montamos um time forte. Houve um conflito de ideias entre o grupo de veteranos, que jogavam um futebol mais lento e cadenciado, e os guris mais novos que tinham um futebol mais forte e rápido com uma nova ideia de futebol. Eles queriam correr, e nós não nos encaixávamos. Começou a ter muitas discussões em jogos. O velho não queria passar a bola pros guri e vice-versa. Nós decidimos o seguinte: ou para tudo ou vamos nos entender! Foi ai que surgiu o Estrela *Kids*. Espero que os guris se mantenham.

APÊNDICE II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa abaixo descrita. Após ler este termo, caso concorde em participar deste estudo, assine ao final deste documento.

Informações Sobre a Pesquisa:

- Título do Projeto: “ESTRELA SOLITÁRIA F. C.: um relato histórico de um time de futebol de várzea de Porto Alegre/RS”.
- Pesquisadores Responsáveis:
Jonas Santos Hübner Contato: Celular: (51) 82123320
Janice Zarpellon Mazo Contato: Celular: (51) 99579428

Desde já, manifestamos agradecimentos pela atenção dispensada.

Jonas Santos Hübner

Janice Zarpellon Mazo

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____ abaixo, assinado, aceito participar do estudo “ESTRELA SOLITÁRIA FUTEBOL CLUBE: um relato histórico de um time de futebol de várzea de Porto Alegre/RS”, submetendo-me a entrevista oral, com gravação e, permitindo que os dados da mesma possam ser analisados pelo autor do trabalho. Permito também que o trabalho possa ser disponibilizado no acervo digital LUME – UFRGS, assim como na Biblioteca da Escola de Educação Física.

Assinatura do participante: _____

Data: ____ / ____ / _____